

MOSAICO **inform**⁴⁴

INFORMAÇÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS
E O TRABALHO DO MOSAICO | INSTITUTO PARA A CIDADANIA



JUVENTUDE E DESENVOLVIMENTO



Estórias da história – Pág. 08
JOVENS NA HISTÓRIA



Entrevista – Pág. 14
ANTÓNIO TINGÃO



Reflectindo – Pág. 18
INVESTIR NA EDUCAÇÃO



MOSAÍKO inForm

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

MOSAÍKO | Instituto para a Cidadania

NIF: 7405000860

Nº DE REGISTO: MCS – 492/B/2008

DIRECÇÃO

Júlio Candeeiro, op
Pedro Ouana, op

SUPERVISÃO

Sílvia Cristina

REDACÇÃO

António Gongá
Mandele Rocha

FOTOGRAFIA DE CAPA

Adriano A.J Lourenço

COLABORADORES

Sandra Faustino
Gilberto Gongó

ARTE GRÁFICA

André M. Cupessala
Gabriel Kahenjengo

CONTACTOS

Bairro da Estalagem - Km 12 | Viana

TM: (00244) 990 775 815

TM: (00244) 929 775 815

Caixa Postal 2304 - Luanda | Angola

E-mail: mosaiko@mosaiko.op.org

www.mosaiko.op.org

www.facebook.com/MosaikoAngola

IMPRESSÃO

Damer Gráficas SA – Luanda

TIRAGEM: 2500 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Os artigos publicados expressam as opiniões dos seus autores, que não são necessariamente as opiniões do Mosaiko | Instituto para a Cidadania.

índice

MOSAÍKO INFORM Nº 44 - SETEMBRO 2019

TEMA: JUVENTUDE E DESENVOLVIMENTO

- PÁG. 03 *editorial*
O presente que determina o futuro
- PÁG. 04 *informando*
Jovens, nós somos o agora
- PÁG. 08 *estórias da história*
Jovens na história de Angola
- PÁG. 09 *figura em destaque*
Gilberto Figueira
- PÁG. 10 *construindo*
Crise de referências
- PÁG. 14 *entrevista*
António Tingão
- PÁG. 18 *reflectindo*
Educação: O melhor investimento de sempre
- PÁG. 20 *notícias*
Transformados para transformar

“ SONHAI GRANDES COISAS. SONHAI QUE
CONVOSCO O MUNDO PODE SER DIFERENTE. SE
VÓS DERDES O MELHOR DE VÓS MESMOS ESTAIS
A AJUDAR O MUNDO A SER DIFERENTE ”

Papa Francisco

COM O APOIO



NORWEGIAN CHURCH AID
actalliance

MISEREOR
• IHR HILFSWERK



editorial

O presente que determina o futuro

Júlio Gonçalves Candeeiro, *op*
Director Geral

Fotografia: ©André Cupessala

Estimado leitor/a

A presente edição está dedicada à juventude e aos Direitos Humanos (DH). Por feliz coincidência, são várias as instituições a nível mundial, continental ou regional a dedicar uma atenção especial à Juventude. Em Angola, a CEAST dedicou o triénio 2018-2020 aos jovens; a União Africana dedicou o ano de 2020 à Juventude; e a nível mundial, o Papa Francisco convidou os jovens do planeta para o encontro de Assis, a fim de reflectir sobre o modelo económico a ser assumido pelo mundo.

De acordo com o censo de 2014, a população Angolana é maioritariamente composta por jovens e com uma taxa de crescimento da população que ronda os 3%, Angola continua a ser um dos países mais jovens do continente africano e continuará a sê-lo por muito tempo mais.

A secção Informando, desta edição, traz exemplos e reafirma a ideia de que os jovens são os principais agentes de desenvolvimento e de promoção dos Direitos Humanos. Eles

são “o agora” e, se ainda não o são, é porque continuam a ser necessários investimentos fortes na educação, na saúde e implementar medidas que envolvam cada vez mais os jovens na construção do país.

Há portanto, que contrariar a situação actual de instrumentalização da juventude por parte de partidos políticos, bem como a ausência de políticas públicas para a juventude, um dado confirmado pelo director do Conselho Nacional da Juventude, em entrevista neste Mosaiko Inform.

Queremos jovens conscientes dos seus direitos e deveres e, neste âmbito, o Mosaiko reassume o compromisso de trabalhar para que mais jovens sejam capacitados e se sintam empenhados para promover e defender os DH, de modo individual ou colectivo. Acreditamos que o presente e o futuro de Angola estão nas mãos dos jovens e é, por isso, determinante formar, motivar e envolvê-los hoje.

Boa leitura!



Estamos abertos de **Segunda a Sexta-Feira, das 8h30 até 16h30**
e **Sábado das 8h30 até 12h00**. Mais informações: 929 775 815

www.mosaiko.op.org | www.facebook.com/mosaikoangola

informando

JOVENS, NÓS SOMOS O AGORA!

É comum ouvir: “Eles/as (os jovens) são o futuro do país”. Sem pensar que não fazendo parte do hoje, dificilmente serão o amanhã...

A frase não se sabe quando começou a ser expressada, mas é das mais usadas para falar dos jovens. Desconhece-se, igualmente, o que terá impulsionado o surgimento desta “crença” generalizada, o certo é que mais do que ser catalogada indevidamente, a juventude precisa ser ouvida.

Ao fazer isso, os responsáveis, provavelmente, sairiam do lugar-comum e descobririam que os jovens afinal reivindicam um lugar, um espaço em que são úteis e, contribuem também para o desenvolvimento de toda a sociedade.

Sem acesso à educação, saúde, emprego, empreendedorismo, associativismo, desenvolvimento comunitário, ao activismo e à política, a marginalidade

torna-se opção e; é facto comprovado que a conjuntura político-económica de “não oportunidade” tem favorecido o aumento da delinquência juvenil.

Contudo, não faltam exemplos de jovens determinados/as a contribuir de forma activa para o desenvolvimento do país. Paulino Mahula não mede esforços quando o assunto é colaborar para o

“Nós somos muito úteis tanto para a estabilidade como para o desenvolvimento da sociedade”



♥ Huila-Lubango | © Adriano A.J. Lourenço

bem de todos e das gerações futuras. Foi professor em escolas privadas durante três anos, em Luanda, mas, depois de ter concluído o plano curricular do Ensino Superior em Ciências da Educação, na opção de Ensino da História, soube em 2018, da abertura de candidaturas na sua terra natal e não pen-



Fotografia | © Ae Cupessala

sou duas vezes, candidatou-se para ser professor numa escola pública do município do Songo, na província do Uíge.

A sua dedicação e entrega à docência num município carente de quase tudo, é sem dúvida um exemplo a seguir. Aos 24 anos, Paulino Mahula entregou-se à responsabilidade de formar novos jovens e cidadãos, reforçando a utilidade do jovem na sociedade.

“Nós somos muito úteis tanto para a estabilidade como para o desenvolvimento da sociedade”, afirmou Mahula, acreditando por isso, que mais formações académicas e profissionais “devem ser fomentadas pelo Estado”.

Além do sentido de responsabilidade, o espírito de iniciativa tem levado alguns jovens a desenvolverem projectos bem-sucedidos. Óscar Kinganga, apesar das dificuldades financeiras dele e da sua família, decidiu apostar, desde muito cedo, na educação. Depois de ter concluído o ensino médio, começou o seu investimento com apenas 500kz. Hoje, esses 500kz tornaram possível a criação de um serviço de “explicação” para crianças que deram lugar a três instituições de ensino.

Já Valdemar Dulo, com 28 anos, tem vindo a trabalhar na promoção de competências profissionais e de auto-emprego de muitos jovens. Estima-se que as suas iniciativas formativas já tenham beneficiado mais de 3 mil jovens, desde que começou, há 4 anos.

Dulo defendeu que os jovens são o presente da humanidade e não o futuro, argumentando que é nesta fase da vida que a pessoa, naturalmente, tende a desafiar-se e, inconformado com os problemas, acredita numa mudança que pode ser iniciada por si.

“Há jovens de hoje que estão a abrir caminho para a próxima geração”

“Alegar que os jovens são o futuro não é verdade, quando olhamos para o mundo actual. É uma frase usada para desincentivar as aspirações e o interesse dos jovens de enfrentar os sistemas criados. Somos o presente, eu sou o presente e o meu contributo para o país deve ser dado hoje, durante a minha juventude.”

Perspectivando Angola daqui a dez anos, Valdemar Dulo vê uma juventude mais desafiadora e activa, pois acredita que há jovens de hoje que estão a abrir caminho para a próxima geração.

Inconformada com o paradigma de vida no país, Luyana Canza pretende advogar por mais e melhores oportunidades para as mulheres jovens. Com ideais feministas firmes, a activista



Fotografia | © Gerónimo Félix

Luayana está agora a realizar o seu segundo trabalho de pesquisa sobre a situação da mulher, de modo a mostrar a realidade, as necessidades e os desafios do género feminino, como instrumento para a advocacia social.

Canza é licenciada em turismo e desenvolvedora de projectos de negócio, mas revelou que precisa de mais oportunidades para mostrar o que sabe. Além disso, defendeu uma educação que forme jovens capazes, sobretudo profissionalmente, para o real desenvolvimento do país.

4 milhões no desemprego

Segundo dados do recente Inquérito sobre Despesas, Receitas e Emprego em Angola, do Instituto Nacional de Estatística, a taxa de desemprego no país atinge cerca de 28% da população activa, visando aproximadamente, quatro milhões de desempregados, a maioria jovens. Num universo de cerca de 28 milhões de habitantes, apenas 12 milhões de cidadãos são economicamente activos.

Dentre os jovens desempregados encontra-se Simão Dala (nome fictício) que tenta ingressar numa universidade há seis anos. Por um lado, não conseguiu entrar no Ensino Superior Público e, por outro, não tem condições financeiras para suportar os custos de uma formação numa instituição privada de ensino superior.

Depois de terminado o nível pré-universitário (PU-NIV), a expectativa era continuar o estudo no curso de engenharia informática, após várias tentativas falhadas, o jovem decidiu procurar emprego, mas continua sem qualquer alternativa, já que o seu curso médio de Ciências Físicas e Biológicas, segundo se alega, não tem a componente profissionalizante, o que o obriga a fazer a Universidade.

Aos 28 anos, Simão Dala, tal como tantos outros jovens, não tem alternativas viáveis que lhe permitam melhorar a sua situação presente ou mesmo futura. Sem profissão e sem formação adequada, Dala junta-se a uma camada significativa de jovens que passam os dias a acumular frustrações.

“Formados” para nada

Para que serve o ensino pré-universitário sem acesso directo ao Ensino Superior? O que se pretendia alcançar ao disseminar instituições de ensino médio por municípios que não têm nenhuma instituição de Ensino Superior? O que se pensa fazer com os milhares de jovens que só completaram o PUNIV?

Estas e outras questões aguardam resposta, sobretudo dos responsáveis que tutelaram estas medidas. Agora há novos responsáveis à frente destes sectores e a expectativa é que tratem desta questão conhecendo o jovem frustrado com uma formação que não serve para nada, o jovem que está no PUNIV sabendo

que não tem qualquer saída profissional depois de concluir o curso e o jovem que está a concluir o segundo ciclo.

É preciso conhecer o jovem para saber que nível de conhecimento realmente adquiriu e entender que é urgente criar alternativas viáveis que não passam apenas por criar universidades, a maioria de qualida-

*“É perigoso formarmos alguém
e depois não o utilizarmos.
É desperdício”*

de questionável. Para Domingos Francisco, secretário provincial do Sindicato dos Professores no Cuanza Norte, os cursos do PUNIV só serão úteis, desde que os formados tenham acesso directo ao Ensino Superior. Considerando injustificável a criação de instituições de ensino médio com os cursos de Ciências Económicas e Jurídicas, Físicas e Biológicas, e Ciências Humanas, em municípios que não têm nenhuma instituição de Ensino Superior.

“É perigoso formarmos alguém e depois não o utilizarmos. É desperdício”, lamentou defendendo a aposta nos cursos médios técnicos. Uma ideia que já foi apresentada muitas vezes como solução e que espelha a real necessidade do país que, efectivamente, precisa muito mais de técnicos do que de teóricos.

O PUNIV é um entre muitos outros exemplos que revelam a debilidade do ensino em Angola. A reflexão sobre o sistema de ensino vai além do questionamento sobre a qualidade, os objectivos ou que tipo de cidadãos o ensino Angolano forma. A grande questão é se aqueles que têm o poder de produzir mudança são capazes de reformar um sistema que também os formou.

A mudança social ou a transformação do pensamento colectivo relativamente ao PUNIV, em particular, e ao ensino no geral, neste momento estão muito mais dependentes da atitude de quem governa, sobretudo se reconhecerem que este sistema de ensino débil formou “doutores” e “mestres” com fragilidades graves.

Assumir os erros passados é importante para corrigir processos e no caso, tornar possível a recuperação



Fotografia | © Adriano A.J. Lourenço



Fotografia | © Xavier Narciso

de pessoas mal formadas. O país faz-se com pessoas capazes, essa capacidade inicia-se no seio familiar e completa-se na escola. A educação é um direito determinante para a efectivação de outros direitos. E como ponto de partida, a aposta séria neste sector determina o futuro de um país. Exemplos não faltam de realidades em que o foco do investimento público foi concentrado na educação e a transformação que gerou. O agora de Angola exige essa atenção e investimento, o contrário é repetir ininterruptamente um futuro sem tratar do agora. ●

Texto: *António Gonga*

estórias da história

JOVENS NA HISTÓRIA DE ANGOLA

Há Angolanos que se destacaram enquanto jovens e marcaram a história do país. Numa altura em que as responsabilidades eram assumidas muito mais cedo, vários jovens abraçaram causas e posições que eram, certamente, maiores que eles próprios.

Com a inquietação própria da juventude e de forma destemida, alguns morreram pelo que acreditavam, outros galvanizaram o povo e quase todos os que sobreviveram, deixaram o idealismo...

Olhando para um passado recheado de referências heróicas, a história de Angola, ainda por contar de forma isenta e imparcial, tem o dever de incluir todos. Mas com muito poucas bases que permitam, com exactidão, atestar os feitos dos jovens, mesmo daqueles que são tidos como referências incontornáveis, o Mosaiko Inform estabelece um único critério: **peçoas que se destacaram enquanto jovens**. E forma uma lista de nomes, certamente incompleta, mas poderá ser um ponto de partida que desafie repescar outros nomes e referências esquecidos.

Partidarismo à parte, inclui-se o presidente mais jovem que Angola alguma vez teve, o jovem que se constituiu líder da oposição aos 30 anos, o médico que tratava desfavorecidos ou o músico que também aos 30 anos, estreou-se com músicas revolucionárias na diáspora. ●

JOVENS DE OUTROS TEMPOS

Alda Lara
Américo Boavida
António Ole
Arnaldo Santos
Artur Nunes
Barceló de Carvalho Bonga
Belita Palma
Cónego Manuel das Neves
Deolinda Rodrigues
Fernando Lopes
Geraldo Bessa
Hoji Ya Henda
Jesus Campos
Jonas Savimbi
José Eduardo dos Santos
Liceu Vieira Dias
Luís Dinis
Nito Alves

*Nota: Esta lista é uma mostra, estabeleceu-se como critério de selecção ter vários sectores representados.

*Belita Palma
cantora considerada
um marco na cultura
popular angolana*



*Arnaldo Santos
escritor angolano*

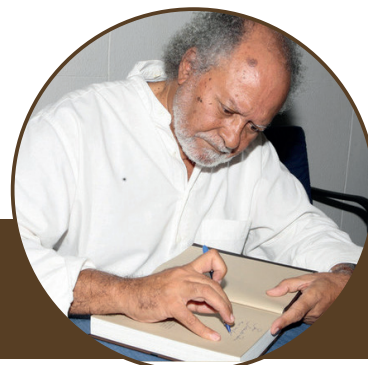


figura em destaque

GILBERTO FIGUEIRA

“Salvar vidas com amor”

O jovem que chegou de Malanje e venceu ajudando os outros



Fotografia: ©DR

“Cada jovem angolano deve pensar Angola, antes que alguém pense por nós”

Para não se ficar apenas pelo pensamento, o malanjino, Gilberto Victor Rafael Figueira, 31 anos, jogador de andebol do Clube Desportivo 1º D’Agosto, emprega a mesma habilidade que usa em campo para ajudar as pessoas.

Por iniciativa própria, em Janeiro deste ano, criou a primeira e única Boutique Solidária, em Angola. A loja está localizada no Bairro Talatona, em Luanda, recebe doações e oferece roupas, calçados e pastas a quem precisar.

“O combate à violência deve traduzir-se no esforço por uma sociedade mais justa e humana”

“Aqui os valores estão na solidariedade e no gesto de amor ao próximo. O nosso lema é salvar vidas com amor”, explicou Gilberto, sempre atento e sensível às situações dos outros, o que o leva a, de forma empática e sem receber nada em troca, sentir-se bem por ajudar. “A minha recompensa é poder ver as pessoas felizes, seja por receber atenção, uma roupa ou um calçado novo”.

Com a Boutique Solidária, o jovem malanjino encontrou um jeito de recuperar a auto-estima de crianças, jovens e famílias de alguns bairros de Luanda. Habitado a percorrer vários bairros da capital, encontra sempre muitas crianças e jovens que passam por sérias dificuldades e apesar de ter percebido que nem a família nem o Estado oferecem condições mínimas, Gilberto não ficou indiferente.

Com o seu primeiro Projecto denominado: “Talentos nas ruas”, conseguiu reintegrar ao convívio familiar, várias crianças e jovens, incentivando alguns a trabalhar.

Disposto, solidário e bastante ligado à família, Gilberto é o caçula de cinco filhos, mas desde cedo aprendeu que no jogo da vida nem sempre se ganha e quando se quer algo é preciso ir atrás.

“A minha recompensa é poder ver as pessoas felizes, seja por receber atenção, uma roupa ou um calçado novo”

Aos 14 anos, veio viver em Luanda, onde pretendia estudar e trabalhar. No início conta que foi difícil enfrentar a vida sozinho sem a família por perto, mas com esforço, conquistou o seu espaço no desporto como jogador profissional de andebol e conseguiu licenciar-se em Comunicação Social.

Hoje, além de ser jogador e comunicador, continua a desafiar-se procurando outras oportunidades e aprendizagens. Lançou, este ano o seu segundo livro, intitulado: “Liderança Desportiva”. E o primeiro lançado, em 2017: “Escola X Desporto - Como virar este jogo”. Com estes dois livros, o jovem autor espera que as histórias reais que o inspiraram, sirvam para reflexão e inspiração de outras pessoas. ●

Texto: *Silvia Cristina*



construindo

CRISE DE REFERÊNCIAS?

É uma crise há muito anunciada, mas será que os jovens precisam mesmo de referências?

Ter ou não modelos a seguir tornou-se irrelevante, sobretudo nesta era de *influencers* em que todos querem ser referência. Presentemente, os jovens são seguidores de pessoas sob os mais variados critérios, aliás as características que colocam determinada pessoa na categoria de referência, mudaram radicalmente. É-se referência pelos hábitos, convicções ideológicas, religiosas, exposição mediática fundada ou não, desempenho bom e/ou mau de funções, estilo de vida, dieta alimentar, preferências, presença nas redes sociais positiva e/ou negativa... Já houve tempos em que cada geração destacava as suas referências, actualmente perante uma panóplia tão diversificada, esse exercício tornou-se bem mais complicado num mundo, aparentemente democratizado, em que há heróis para todos os gostos.

“Os jovens não querem conselhos, querem inspiração”

O desejo de ser famoso aumentou e com a proliferação das redes sociais, cumpriu-se a profecia do artista norte-americano, Andy Warhol, que em 1968 escreveu: “No futuro todos terão os seus 15 minutos de fama”. Os holofotes que antes eram apenas reservados a alguns, recaíram sobre pessoas comuns que se tornaram modelo ou referência com alguma ou nenhuma substância.

Isto originou dois fenómenos contrários que se fazem notar um pouco por todo o mundo. Por um lado, um seguidismo cego de pessoas, ideologias e modos de estar. Há que referir ainda, o aparecimento dos *coaches* e *mentors*, sustentados pelo empirismo, mas treinados para atrair seguidores. Por outro, jovens que preferem não ter qualquer modelo ou que rejeitam os exemplos das gerações anteriores.

“Os jovens não querem conselhos, querem inspiração”, refere o especialista em gerações, Sidnei Oliveira. “A geração Y (que está hoje entre os 23 e os 38 anos) tem muita dificuldade em olhar para alguém mais velho e enxergá-lo como alguém de referência, como um mentor que de alguma maneira possa inspirá-lo a tomar uma decisão ou a caminhar numa direcção. Não é aconselhar, é inspirar”, reforça o autor em entrevista ao *Época e Negócios*.



Fotografia: © DR

Em Angola os jovens não são muito diferentes quanto a minimizarem a importância das referências, mas o descrédito dos “mais velhos” deve-se, sobretudo, à construção narrativa forjada que cria sucessivas fabulações que geraram heróis quase deuses. E por isso, a maioria dos jovens não se sente inspirada, antes aspira alcançar o estatuto e conforto financeiro dos mais velhos.

O diálogo intergeracional não é fluído ou sequer incentivado. Os jovens são educados para respeitar incondicionalmente, o mais velho. E, profissionalmente, existem constrangimentos frequentes, sobretudo quando chefiados por mais velhos, os jovens não têm espaço para implementar ideias novas e são travados pela insegurança dos chefes.

Obrigados a seguir o costume, muitos jovens tornam-se autónomos tardiamente por não terem poder de decisão desde cedo e convivem com a ideia de que a opinião do jovem não é respeitada nem acolhida entre os mais velhos. Desenvolvem então, a percepção de que ser jovem é um estágio menor da vida e, a expectativa é rapidamente, tornar-se mais velho para ser ouvido. No fim, o que o jovem Angolano deseja é ser mais velho.

A utopia das gerações

Existem inúmeras referências e, talvez por serem muitas, não conseguem inspirar profundamente. É impossível seguir esta multiplicidade de exemplos, no entanto, será a ausência de objectivos claros o que mais dificulta esta selecção. O que esperam? Pelo que lutam? Com o que sonham os jovens?

“O que o jovem Angolano deseja é ser mais velho”

Houve tempos em que circunstâncias adversas, incentivaram os jovens a desejar e impulsionar mudanças disruptivas. Na década de 60, a inquietação de jovens estudantes desencadeou uma explosão cultural, social, ideológica e política de nível mundial com uma proliferação de conceitos, iniciada pela ousadia de desafiar a ordem, os tempos e os espaços em que viviam.



Fotografia: © Adriano A.J. Lourenço

“Influenciados pelo que fizeram enquanto jovens, os governantes conhecem o poder de uma juventude inquieta”

A irreverência e rebeldia caracterizaram os jovens dos anos 60 e 70 que hoje são, na verdade, os maiores resistentes à mudança. Pepetela, no seu livro “Geração da Utopia” provê o peculiar contexto dos jovens Angolanos durante o período de 1961 a 1982. As ideias progressistas, os sonhos de liberdade e de justiça, motivaram aqueles jovens a uma acção dentro e fora do país, capaz de comprometê-los à utopia de devolver Angola ao seu povo. E assim, entregaram-se à guerrilha, clandestinidade e muitos, conscientemente, à morte.

Entre o sonho e a realidade muito aconteceu, mas a independência é um facto. Os jovens da altura foram determinantes, o que demonstra que a juventude não depende tanto de ter ou não referências, mas sim de ser ela própria, ocupar o seu espaço, participar e de se fazer ouvir.

Juventude excluída

O papel da juventude na sociedade, actualmente é proporcional ao espaço que os mais velhos cedem aos jovens, ou seja, circunscrito. Influenciados, talvez pelo que fizeram enquanto jovens, os governantes conhecem o poder de uma juventude inquieta. Contudo, condicionar e não permitir que os jovens desenvolvam em pleno, estagna a sociedade e compromete o seu futuro.

A relutância em incluir os jovens, essencialmente na política, não é um fenómeno único de Angola. Apesar de se reconhecer mundialmente que os jovens são os principais catalizadores da mudança de governos, sobretudo, não democráticos, a participação da juventude na esfera política ainda é muito limitada.

Globalmente, menos de 2% dos parlamentares têm menos de 30 anos. Segundo os dados estatísticos da Organização das Nações Unidas sobre a participação da juventude na política, a idade média dos parlamentares é de 53 anos.

Cerca de metade da população mundial tem menos de 30 anos, mas a juventude é excluída da tomada de decisões políticas. Apenas um em três países,

consultam ou integram a juventude na preparação de estratégias de redução da pobreza ou de planos nacionais de desenvolvimento.

Os dados apontam ainda que mais 70% da população Africana é jovem e por serem excluídos da esfera política, a maioria é desorganizada, desempregada e vulnerável a ideias radicais e extremistas.

“Cerca de metade da população mundial tem menos de 30 anos, mas a juventude é excluída da tomada de decisões políticas”



Carta Africana da Juventude

Desde 2009 é oficialmente aplicável em Angola e no que concerne à participação dos jovens estipula como dever do Estado Angolano:

- a) Garantir a participação dos jovens no Parlamento e noutros órgãos de decisão, de acordo com as leis em vigor;
- b) Facilitar a criação ou o reforço de plataformas para a participação dos jovens na tomada de decisões aos níveis local, nacional, regional e continental de governação;
- c) Assegurar o acesso equitativo dos jovens de ambos os sexos na tomada de decisões e no exercício de responsabilidades cívicas;
- d) Dar prioridade às políticas e aos programas que incluem a advocacia para os jovens, bem como, os programas de educação pelos pares destinados aos jovens marginalizados da sociedade, tais como analfabetos e desempregados, oferecendo-lhes a oportunidade e a motivação de reinserção na sociedade;
- e) Facilitar o acesso à informação de modo a permitir aos jovens o conhecimento dos seus direitos assim como as oportunidades que lhes são oferecidas para participar na tomada de decisões e na vida cívica;

- f) Tomar medidas que visam a profissionalização do trabalho dos jovens e a introdução de programas de formação pertinentes no ensino superior e em outras instituições de formação similares;
- g) Dar assistência técnica e financeira para a capacitação institucional das organizações juvenis;
- h) Adoptar políticas e programas voluntários destinados aos jovens a nível local, nacional, regional e internacional como um fórum importante da participação da juventude na governação e no desenvolvimento do Continente e como um instrumento de formação pelos pares;
- i) Facilitar o acesso à informação e serviços que permitam aos jovens formarem conhecimento dos seus direitos e responsabilidades;
- j) Incluir representantes da juventude nas delegações às Sessões Ordinárias e outras reuniões importantes de modo a alargar as redes de comunicação e promover debates sobre questões relativas aos jovens. ●

Texto: *Mandele Rocha*

entrevista ANTÓNIO TINGÃO

“Não existem políticas públicas para os jovens”



Fotografia: ©Ae Cupessala

As palavras do presidente do Conselho Nacional da Juventude (CNJ) num país sem políticas públicas para os jovens.

Qual é a opinião do CNJ sobre as políticas do Estado para a juventude nesta nova era?

As políticas públicas de governação estão endossadas num documento denominado: Plano de Desenvolvimento Nacional (PDN). Políticas públicas para a juventude não temos, a título de exemplo, no PDN, o único eixo que refere a juventude, é o 1.6

do primeiro eixo, que fala sobre o desenvolvimento integral da juventude. O que é isso? É preciso desmistificar...

Defendemos e temos ainda um sinal miúdo por parte do governo, sobre a aprovação de um pacote legislativo juvenil, que traga aquilo que designamos por pacto do Estado com a juventude. Nesse pacote, defendemos que o Estado deve responder

ao número 2 do Artigo 81^a da Constituição sobre os direitos e deveres dos jovens. Temos que ter uma lei da juventude e não há...

“Por falta de vontade política, o CNJ já fez tudo por excesso”

Por que ainda não foi criado esse pacote legislativo juvenil?

Por falta de vontade política, o CNJ já fez tudo por excesso. Tivemos o luxo de conceder propostas a todos os mecanismos e pacotes legislativos. Se até agora ainda não existe, não há outra razão, é mesmo por falta de vontade.

Que apreciação faz das actividades que o Estado tem desenvolvido para juventude?

Precisamos continuar a advogar para que quem governa consiga construir a ponte que permita a transição do discurso público para a efectividade do interesse da população. O nosso país é dos que mais produz legislação, mas não basta conceder leis, não basta conceder programas, é preciso efectividade e temos vários exemplos. O primeiro é a implementação do Programa de Desenvolvimento da Juventude (PNDJ) 2014-2017, quem estava a governar não conseguiu fazer a transição, é um documento bonito, mas que não conseguiu sair do papel.

Deixem de pensar pelos jovens. Os jovens também têm pensamento, é preciso perguntar o que querem e como querem e, depois, quem tem a missão de governar, satisfaz essa aspiração.

Dizia que não existem políticas para os jovens, mas que tipo de políticas o Estado deveria implementar?

Defendemos a actualização e revalidação do PNDJ para o mandato 2018-2022, é um plano transversal que detém elementos estruturantes. Deveríamos contextualizá-lo de acordo com a condição que o país está a viver. O PNDJ revalidado responderia a todos os problemas que temos passado.

Existem muitos jovens reclusos em Angola, estamos a realizar acções para que, tão logo retomem a liberdade, consigam estar ao serviço da nação. É preciso empoderar, há jovens que saem e não conseguem encontrar espaço para serem inseridos socialmente.

E os 500 mil empregos que o Presidente João Lourenço prometeu?

Os eleitores votaram a favor do partido que apresentou isso como proposta, vai terminar o mandato em 2022 e espero que consiga, no final, apresentar resultados, mas estamos muito aquém. Passaram-se dois anos de governação, o mandato é de quatro, no mínimo poderíamos estar a meio (dos 500 mil) para continuarmos a ter esperança.

Ainda é possível concretizar essa promessa?

Se o programa de combate à fome e à pobreza, acima de tudo, o plano de diversificação da economia, fosse arregimentado nos eixos normais... Se olhassem para o sector da agricultura como um eixo de multiplicação de postos de trabalho, poderíamos até chegar a esses resultados, mas do jeito que estamos, acaba por ser uma utopia.

“Não basta conceder leis, não basta conceder programas, é preciso efectividade”

entrevista

ANTÓNIO TINGÃO

PRESIDENTE DO CNJ

Como é que o CNJ tem estimulado o auto-emprego?

Tem sido uma das ferramentas que o CNJ tem usado, ao longo deste mandato, como forma de contribuir e encaminhar os jovens para o autoemprego. E apoiamos as organizações que têm estado a fomentar o empreendedorismo entre os jovens.

Há jovens angolanos que estudaram fora do país, o que faz o CNJ para que regressem a Angola?

Começamos a mobilizar os jovens que estão na diáspora, para que retornem ao país. Temos muitas mentes brilhantes fora de Angola e é este o momento em que o país mais precisa dessas mentes. É necessário que venham e coloquem todo o seu saber ao serviço de Angola.

“Passaram-se dois anos de governação, o mandato é de quatro, no mínimo poderíamos estar a meio (dos 500 mil) para continuarmos a ter esperança”

“Apoiamos as organizações que têm estado a fomentar o empreendedorismo entre os jovens”

Apesar de ter como foco a juventude, muitos jovens desconhecem ainda o que é o CNJ e para que serve...

É uma plataforma que congrega mais de cinco mil organizações juvenis de âmbito nacional, provincial, municipal, partidárias, apartidárias, filantrópicas e estudantis de Angola.

Há mais de 28 anos a trabalhar para a juventude, o CNJ ergueu-se a 4 de Outubro de 1991, a maior entidade da sociedade civil e tem como missão levar os interesses dos jovens às entidades públicas no sentido de satisfazer plenamente os direitos e deveres dos jovens, para que consigamos ter jovens que participem activamente no crescimento e desenvolvimento do país.



E o que faz de concreto?

Existe um plano de mandato elaborado pelas organizações membros na 6ª Assembleia Geral do CNJ, com quatro eixos: O empoderamento da jovem mulher, ligado à equidade de género. Temos feito formações de liderança feminina e sobre saúde reprodutiva da mulher.

Outro eixo: Os jovens da zona rural, com vista a mantê-los nas suas zonas de origem e aí contribuírem para o desenvolvimento local. Temos feito formações de aproximação com os serviços básicos e de mobilização de recursos para que sejam levados a essas zonas.

O terceiro eixo é a conservação dos ganhos que o CNJ arrecadou nos seus 28 anos de existência. E o quarto, os jovens estudantes, ainda existem muitos jovens fora do ensino por falta de condições. Dedicamos uma atenção especial ao segmento jovem estudante universitário, temos muitos jovens nas universidades, mas sentimos que a contribuição da Universidade, através do jovem, ainda fica aquém das necessidades do país. O contexto internacional mostra-nos que os grandes fazedores da mudança são os jovens e, acima de tudo, os universitários.

“Há um nível muito alto de promiscuidade, prostituição, criminalidade, alcoolismo, suicídio cometido por jovens, por razões que estão ligadas ao desemprego”

António Tíngão, nasceu no Bengo em Maio de 1980, é professor de profissão, mestre e técnico superior. Presidente do Conselho Nacional de Juventude desde Maio de 2016, preside ainda a mesa da Assembleia Geral do Fórum da Juventude da CPLP e antes foi presidente do Conselho Provincial da Juventude do Bengo e da mesa da assembleia geral das associações dos estudantes da Universidade Agostinho Neto. Foi também nomeado administrador municipal adjunto do município do Ndande, Bengo.



E o desemprego, não mereceria também ser destacado como um dos eixos do CNJ?

O desemprego é uma preocupação de Angola e em particular do CNJ. Esta crise económica trouxe uma consequência, o encerramento de muitas empresas, entretanto não há capacidade, não há sustentabilidade no seio das famílias jovens, como consequência, há um nível muito alto de promiscuidade, prostituição, criminalidade, alcoolismo, suicídio cometido por jovens, por razões que estão ligadas ao desemprego, a realidade obriga muitos jovens a caírem nisso. Temos estado a trabalhar com as entidades públicas, advogando e reivindicando por esse direito que é o trabalho e estamos também a implementar um centro de formação profissional. ●

Texto: Gilberto Gongo | António Gonga

reflectindo

EDUCAÇÃO: O MELHOR INVESTIMENTO DE SEMPRE

A educação serve para estimular a capacidade dos jovens e prepará-los para contribuírem no desenvolvimento da sociedade. É essencial que o/a jovem seja educado/a tendo em conta a sua importância para a sociedade. Se quisermos mudar a realidade do país, precisamos garantir que os jovens tenham acesso a uma educação transformadora e de qualidade, que os torne capazes de questionar e produzir mudanças.

O Censo 2014 revela que 80% da população angolana tem entre 0-34 anos. A taxa de natalidade aumentou para 36,12%. Contudo, este aumento não encontrou correspondência no ritmo de crescimento de infra-estruturas, particularmente de educação e de saúde, serviços, qualidade de ensino, centros de emprego, sobretudo no meio rural e na periferia dos centros urbanos, onde as possibilidades/oportunidades de acesso à educação e ensino, ao emprego e ao crédito, são escassas.

“Angola regista uma taxa de desemprego de 28%, sendo os jovens os mais afectados – um em cada dois jovens dos 15-24 anos está desempregado”

Os investimentos na educação continuam a ser diminutos, face à importância que este sector tem para a formação de quadros e desenvolvimento do país. An-

gola investe pouco mais de um terço do previsto nos compromissos internacionais que consideram que cada país deve atribuir 20% do seu OGE ao sector da Educação (Compromisso de Dakar, 2000).

Em 2018, o orçamento destinado à Educação foi de apenas 5,41%. Uma percentagem ainda muito aquém dos compromissos assumidos internacionalmente. Então questionamos como se pode garantir uma formação de qualidade às crianças e jovens com este



Fotografia: © Adriano A.J. Lourenço

fraco investimento? É necessário repensar as políticas, redefinir as prioridades. Sem educação não há desen-



Fotografia: © Ae Cupessala

volvimento. É o que faz a economia funcionar e qualifica os jovens para os desafios do mercado de trabalho.

O Estado precisa mobilizar recursos para garantir um ensino de qualidade inclusivo, apostando na produção científica e formação técnico-profissional. O pouco investimento no sector perpetua a fraca qualificação dos professores, a inexistência de materiais de ensino de qualidade, o insuficiente número de salas de aula... Outro aspecto a destacar é que nem sempre o que é ensinado nas escolas corresponde às exigências actuais do mercado.

Segundo o INE (2019), Angola regista uma taxa de desemprego de 28%, sendo os jovens os mais afectados – um em cada dois jovens dos 15-24 anos está desempregado. É fundamental garantir a educação técnica, profissional e superior de qualidade. Os centros de formação técnico-profissional do Estado não oferecem qualidade suficiente. Investir neste sector é reduzir as taxas de desemprego entre a juventude.

Entre os principais desafios nesta área destacam-se: O aumento do grau de escolarização dos jovens; A qualificação dos professores e formação profissional de jovens e adolescentes, visando a inserção no mercado de trabalho e na vida económica; Garantir igualdade de acesso à educação a todos, reduzindo a disparidade de género, as assimetrias regionais e incluir os portadores de deficiência; E fornecer condições psicopedagógicas para uma educação inclusiva.

É necessário dar formação de qualidade a quem pretende ingressar no Ensino Superior, formação técnica a quem procura uma profissão e a inserção imediata no mercado de trabalho (PNDE, 2017:13).

Os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 4 sobre educação de qualidade), determinam que os Estados devem “capacitar os jovens como agentes solucionadores de problemas e membros engajados da sociedade civil, ajudando a criar um mundo melhor”.

“Em 2018, o orçamento destinado à Educação foi de apenas 5,41%. Uma percentagem ainda muito aquém dos compromissos assumidos internacionalmente

A verdadeira educação forma jovens críticos, capazes de reflectir sobre a realidade, valorizar os estudos e o conhecimento como ferramentas para o seu desenvolvimento enquanto indivíduos e da sociedade. O estudante, jovem, mais do que conhecimento técnico precisa de instrumentos para o futuro e de meios que o levem a pensar além do óbvio. Apostar na educação dos jovens é fundamental para uma sociedade futura de profissionais e líderes focados no desenvolvimento de Angola. ●

Texto: *Sandra Faustino*

notícias

Transformados para transformar

As formações de Educação para a Transformação (TfT – Training for Transformation) têm vindo a mudar a visão dos formandos.

Parte da equipa do Mosaiko participou nas formações do TfT e tem levado esta metodologia às comunidades mais remotas do país. Nesta edição do Mosaiko Inform, revelam o que mudou nas suas vidas e na forma como hoje trabalham.

“De facto, mudou a minha vida. Com esta metodologia fui capaz de aprender a actuar como um agente de desenvolvimento, com base na ideia de que nada poderá mudar se eu não mudar.”

(Jackson Máquina)



“A formação de Educação para a Transformação ajudou-me a fazer uma análise conjunta da realidade dos grupos mais vulneráveis.”

(Sandra Zenany Gonçalves)

“O Training for Transformation proporcionou várias abordagens e reflexões sobre o desenvolvimento pessoal, partindo da valorização das experiências locais.”

(Filipe Pedro)



“O TfT mudou a minha forma de olhar para o compromisso que deve ser promovido para o desenvolvimento das comunidades. Só é possível fazer isso quando as pessoas estão envolvidas nos processos e nas decisões.”

(Ir. Cecilia Prudencio)

“O TfT é uma formação que tem revolucionado a minha maneira de pensar, analisar e trabalhar com as pessoas. Hoje, com as estas metodologias, percebo que cada vez mais consigo despertar a consciência crítica e activa das pessoas.”

(Constantino José)



Fotografias: ©Ae Cupessala

Texto: António Gonga

Construindo
Cidadania

Rádio Ecclesia | 97.5 FM
ZAP | Canal 504

Sábado
às 08H30

